



ELA FALOU CLARO: UM ESTUDO SOBRE ADJETIVOS QUE MODIFICAM RAÍZES¹

*SHE SPOKE CLEARLY: A STUDY OF ADJECTIVES THAT
MODIFY ROOTS*

Janayna Carvalho²
Universidade Federal de Minas Gerais

Aline Rodrigues-Oliveira³
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Neste artigo, analisamos um subtipo de modificação adjetival dentro do sintagma verbal, exemplificado por sentenças como *Ela falou claro*. Mostramos como trabalhos prévios sobre o fenômeno, em especial Lobato (2008) e Leung (2007), contêm importantes intuições para que o papel do adjetivo no sintagma verbal seja compreendido, mas carecem de elementos centrais para formalizar o fenômeno. Assumimos, então, com Levinson (2010), que adjetivos em sentenças como *Ela falou claro* são casos de modificação de raiz, em que a raiz $\sqrt{\text{fal-}}$ é modificada pelo adjetivo antes de ser categorizada como um verbo. Isso é possível quando as raízes têm um componente de entidade como parte de seu significado. Com base nessa implementação, descrevemos algumas características da modificação adjetival da raiz, contrastando-a com a modificação de elementos já categorizados por adjetivos e advérbios.

Palavras-Chave: Adjetivos; Modificação verbal; Raízes.

¹ Este artigo é fruto da pesquisa de iniciação científica em andamento da segunda autora, supervisionada pela primeira autora. A pesquisa é financiada pelo CNPq, agência a que agradecemos o apoio. Versões anteriores deste trabalho foram apresentadas no III Encontro de Gramática Gerativa – Homenagem a Sônia Cyrino e Eugênia Duarte e em uma reunião do Grupo de Estudo Minimalismo e Teoria da Gramática. Agradecemos também a Renato Lacerda, Jairo Nunes e aos dois pareceristas anônimos pelas sugestões a uma versão manuscrita deste trabalho. Os erros que permanecerem são de nossa responsabilidade.

² janaynacarvalho@gmail.com.

³ aline.cefetmg@gmail.com.

Abstract: *In this article, we analyze a subtype of adjectival modification inside the verbal phrase, exemplified by sentences in Brazilian Portuguese that literally translate as She spoke clear (She spoke clearly). We show that previous works on this phenomenon, specially Lobato (2008) and Leung (2007), contain important intuitions but do not adequately formalize the role of adjectives in these sentences. Following Levinson (2010), we assume that adjectives in such sentences are cases of root modification, in which the root $\sqrt{\text{speak}}$ is modified by the adjective clear before being categorized as a verb. This is possible when roots have entities as part of their meaning. Following our theoretical approach, we contrast cases of root modification with cases of modification of categorized constituents.*

Keywords: *Adjectives; Verbal modification; Roots.*

INTRODUÇÃO

Este artigo discute um subtipo de modificação adjetival dentro do sintagma verbal, como (1), abaixo, ilustra.⁴ Em (1), o adjetivo *claro* aparentemente modifica o verbo. Essa modificação parece inusitada, já que adjetivos são tradicionalmente concebidos como modificadores nominais.

(1) Ela falou claro.

Claro, em (1), e *claramente*, em (2), parecem ter a mesma distribuição. Sabe-se que advérbios são modificadores verbais. A comparação entre essas duas sentenças reforça, então, a hipótese de que o adjetivo em (1) modifica o verbo.

(2) Ela falou claramente.

Levando em conta dados como (1) e sua comparação com (2), a discussão central que objetivamos empreender neste artigo baseia-se em duas perguntas: a) que elemento dentro do sintagma verbal o adjetivo modifica em (1)?; b) o que possibilita essa modificação? Mostraremos que o adjetivo modifica a raiz $\sqrt{\text{fal-}}$, em (1), antes que ela seja categorizada como um verbo.

⁴ Essa modificação recebe várias denominações na literatura, como adjetivo adverbial ou adverbializado (FOLTRAN 2010, LIMA 2010), ou pseudoadvérbio (LEUNG, 2007).

Em abordagens como a Morfologia Distribuída, as palavras são formadas na sintaxe a partir de primitivos como raízes. As raízes são o elemento mínimo da derivação sintática que, uma vez categorizados, correspondem às palavras de classe aberta. Seguindo Levinson (2010), argumentamos que a modificação adjetival da raiz é possível quando ela possui semântica de entidade. Isto é, quando a raiz possui uma especificação semântica de designar algo no mundo. Ou seja, adjetivos como *claro*, em (1), juntam-se a elementos com semântica de entidade, sejam eles nomes, como em *fala*, sejam raízes ainda sem uma categoria definida. Como argumentaremos ao longo do texto, esse é um dos possíveis tipos de modificação adjetival dentro do sintagma verbal. Além da modificação de raiz, há adjetivos que modificam o evento tal como advérbios o fazem. Todavia, nosso interesse primário, neste artigo, é discutir a modificação de raízes por adjetivos e algumas de suas características. As características de adjetivos modificando eventos só serão foco de análise quando um contraste com as propriedades da modificação adjetival de raiz se fizer necessário.

Antes de discutirmos nossa análise, cabe apresentar algumas das propriedades centrais de modificação adjetival dentro do sintagma verbal. Como largamente reconhecido na literatura, o adjetivo aparece no masculino singular nesses casos, como (1) já sinaliza. A sentença em (3), em que o adjetivo está flexionado, é agramatical na leitura relevante.

(3) *Ela falou clara.

Por consequência, em uma sentença como (4), o adjetivo aparece na forma masculino-singular porque essa é a forma *default* do adjetivo. Não há concordância aí entre o argumento externo e o adjetivo já que *claro*, no caso, refere-se à fala da pessoa.

(4) Ele falou claro.

Como Foltran (2010) salienta, tal característica já deixa evidente a diferença dessas sentenças em relação a predicados secundários, em que o adjetivo concorda com o argumento externo, tal como se vê em (5). A falta de concordância na modificação adjetival dentro do sintagma verbal também diferencia essas sentenças de construções depictivas, aquelas em que o adjetivo caracteriza um objeto, como (6) exemplifica.

(5) A professora saiu da sala calma. (FOLTRAN, 2010, p. 158)

(6) Ela comprou as cenouras frescas. (FOLTRAN, 2010, p. 158)

Também é importante salientar que não há uma equivalência unívoca entre adjetivos modificadores dentro do sintagma verbal e advérbios em *-mente*. A comparação de (1) e (2) pode nos levar à hipótese de que esses adjetivos são, simplesmente, advérbios que não receberam o sufixo *-mente* por alguma razão. À primeira vista, essa hipótese pode ser reforçada pelo fato de que advérbios em *-mente* comportam-se como uma classe aberta. Tal como adjetivos, permitem que novos elementos sejam incluídos.⁵ Nesse ponto, os advérbios em *-mente* destoam de outras subclasses de advérbios como os dêiticos e temporais que não aceitam, com a mesma facilidade, novos elementos ao conjunto já formado.

Todavia, essa hipótese pode ser facilmente descartada quando se observa que não há um paralelo estrito entre modificação adjetival dentro do sintagma verbal e advérbios com *-mente*. Dito de outra forma, a correspondência que se vê entre (1) e (2) não é a regra. Há vários advérbios terminados em *-mente* que não possuem uma modificação adjetival correlata no sintagma verbal, como (7)

⁵ A título de exemplificação, considere a palavra *pomba*, cunhada recentemente como adjetivo por alguns falantes. De acordo com esses falantes, uma sentença como *isso é pomba* significa *isso é meio sem graça*. Considerando essa acepção de *pomba*, parece-nos inteiramente possível um advérbio como *pombamente*, em contextos como *Ela agiu meio pombamente*, que seria equivalente a *Ela agiu de forma insossa/indiferente*.

mostra. O inverso também é verdadeiro: há modificações adjetivais dentro do sintagma verbal que não possuem um paralelo com um advérbio correlato. Isso é exemplificado em (8).

- (7) a. *Ele vive modesto. (FOLTRAN, 2010, p. 158)
b. Ele vive modestamente. (FOLTRAN, 2010, p. 158)
- (8) a. Este pássaro voa alto. (FOLTRAN, 2010, p. 158)
b. *Este pássaro voa altamente. (FOLTRAN, 2010, p. 158)

Discutidas brevemente as características de sentenças com modificação adjetival dentro do sintagma verbal, fica claro que sentenças como (1) e (8a) possuem características próprias que as distinguem de outros tipos sentenciais da língua aos quais elas poderiam pertencer à primeira vista.

Assim, vamos argumentar que, em sentenças como (1) e (8a), por exemplo, os adjetivos *claro* e *alto* modificam a entidade que existe na raiz. Como essas raízes foram categorizadas como verbos, a semântica de entidade é detectada pelo que o evento produz: falar produz uma fala e voar produz um voo. Note que a fala e o voo produzidos estão atrelados à ação verbal. Essa característica é importante, pois seria possível dizer que viver, em (7), também produz uma vida. Todavia, a vida não é criada a partir do evento de viver (modestamente): a pessoa necessariamente já vive antes. A fala e o voo, por outro lado, não existem antes do evento de falar e de voar. Dessa forma, a modificação de raiz é licenciada em raízes com tal ingrediente semântico.

De um ponto de vista teórico, retomamos o debate (Cf. BASÍLIO, 1998, FOLTRAN, 2007, 2010; LOBATO, 2008; LEUNG, 2007; LIMA, 2010 entre outros) sobre a natureza da modificação em sentenças como (1). Em essência, assumimos parcialmente a proposta de Lobato (2008), embora com uma implementação teórica diferente. Como a autora, acreditamos que o adjetivo em (1) modifica um

elemento subatômico - isto é, menor que uma unidade lexical. No entanto, há modificação de uma constante nominal presente na estrutura léxico-conceitual do verbo para Lobato. Para nós, há a modificação de uma raiz, mínimo elemento necessário para a derivação sintática. Quando a raiz entra na derivação sintática, ela não possui ainda uma categorização em termos de classe de palavra. Isso significa dizer que o adjetivo em (1) modifica a raiz antes de ela se tornar um verbo.

A diferença entre as propostas pode parecer sutil. No entanto, a proposta de Lobato (2008) acaba por sobregerar dados, como veremos na seção 1. Além disso, como observa Jairo Nunes (c.p.), há uma diferença conceptual entre a proposta de Lobato e a que defendemos aqui. Em última análise, Lobato (2008) conecta o adjetivo ao verbo. Em nossa proposta, fortemente baseada na de Levinson (2010), o fato de essa raiz ser categorizada como verbo é acidental.⁶ Se assumirmos que há uma semântica básica na raiz, uma abordagem de modificação de raiz não só explica os dados sem sobregerá-los como motiva algumas das características dessas sentenças.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, retomamos brevemente algumas discussões sobre a estrutura de sentenças em (1). Mais especificamente, na seção 1.1, discorremos sobre abordagens que assumem que

⁶ Isso nos leva a algumas questões que não são debatidas neste texto, mas estão em desenvolvimento nas nossas pesquisas. Talvez a mais imediata delas seja a predição de que em *a fala clara*, haja também uma modificação de raiz. Como dito no corpo do texto, o que é crucial em nossa análise é que a raiz tenha a semântica relevante, o que possibilitará que ela seja modificada por alguns tipos de adjetivos. Não é importante a categoria que a raiz recebe nessa hipótese.

Estando essa hipótese no caminho certo, resta explicar por que há concordância em *a fala clara*, mas não há concordância em *falou claro*. Se esse adjetivo se concatenou a uma raiz acategorial, seria esperado que não houvesse concordância em nenhum dos dois casos, como Jairo Nunes e Ezekiel Panitz salientam. No momento, nossa aposta é que essa diferença é só um efeito colateral de como essas categorias lexicais – nome e verbo – se organizam. Isto é, embora as adjunções *clara* em *a fala clara* e *claro* em *falou claro* aconteçam na raiz por hipótese, a primeira adjunção mencionada está dentro de um sintagma nominal, onde pode haver compartilhamento de traços de número e gênero (*concord* em CHOMSKY, 2001), enquanto a segunda adjunção está em uma categoria em que não há esse compartilhamento de traços.

o adjetivo em (1) é adverbializado ou sofreu conversão morfológica, o que explicaria sua presença no sintagma verbal. Na seção 1.2, discutimos as propostas de Lobato (2008) e Leung (2007) para o PB, com as quais a nossa proposta possui similaridades, e em 1.3, analisamos os problemas dessas propostas diante dos dados que buscamos tratar. A seção 2 apresenta a proposta de Levinson (2010) para essas sentenças em inglês e em outras línguas e a vantagem de sua aplicação para as sentenças do PB. A seção 3 explora algumas das características dessas sentenças em virtude da modificação de raiz presentes nelas, contrastando-as com casos em que o adjetivo ou advérbio modifica um elemento já categorizado. Finalmente, na seção 4 concluímos o texto.

1 ABORDAGENS DE ADJETIVO DENTRO DO SINTAGMA VERBAL

1.1 Hipótese de conversão e a verdadeira alternância adjetivo/advérbio

Como comentamos em relação aos dados (1) e (2), uma hipótese de trabalho é avaliar *claro* em (1) como tendo o papel análogo a de um advérbio. De um ponto de vista morfológico, essa hipótese é chamada de conversão, fenômeno definido por Basílio (2002) como um processo que transpõe uma palavra de uma classe gramatical para outra, sem que haja alterações em sua forma. Ou seja, em uma análise de conversão, *claro* em (1) é um advérbio tal como *claramente*, ainda que não tenha marcas morfológicas típicas dessa classe de palavras. Da mesma forma, Lima (2010) estabelece como critério para a conversão a necessidade de o adjetivo estar numa formação invariável, tal como *claro* em (1).

Essa hipótese supostamente explicaria por que o adjetivo permanece em forma invariável, que é o padrão seguido por advérbios, mas ainda deixa em aberto as questões de diferença semântica que podemos observar em alguns casos, além de não explicar por que esse advérbio não utiliza a vogal temática –

a- típica de advérbios (clar-a-mente/ vagaros-a-mente) e também presente em adjetivos (*clara, vagarosa*).

Ao trazer o problema da vogal temática, já apontado, por exemplo, em Lobato (2008), não temos o objetivo de negar que exista uma alternância entre adjetivos e advérbios em alguns casos. As alternâncias de *fácil/facilmente* e *rápido/rapidamente*, por exemplo, parecem ter os mesmos significados e os mesmos contextos de licenciamento. Todavia, não nos parece ser o caso de que todo adjetivo dentro do sintagma verbal modifica o evento tal qual um advérbio. Como vimos nos dados (7) e (8) acima, retirados de Foltran (2010), a equivalência morfológica não é sempre observada com alguns pares de adjetivos e advérbios. Além disso, não há sempre também equivalência semântica.

Nos dados em (9), por exemplo, observe que, enquanto a única interpretação disponível em (9a) é que a voz da pessoa estava em um volume baixo, a interpretação em (9b) é de que a pessoa falou palavras de baixo calão.

- (9) a. Ela falou baixo.
b. Ela falou baixamente.

Esse é um caso em que cada uma das formas – adjetivo e advérbio – parece ter uma interpretação especializada dentro do sintagma verbal em presença do verbo *falar*.

Quando um adjetivo e um advérbio com a mesma raiz podem ser ambos licenciados no sintagma verbal, também é comum que o primeiro tenha uma interpretação mais restritiva que o segundo. Observe os exemplos (10) e (11), retirados de Leung (2007, p. 38).

(10) “Há alguns anos, fui visitar minha querida vó, de 97 anos. Ao sentar-se curvada em sua cadeira de rodas, enfraquecida e quase cega, falou mansamente sobre a vida.”⁷

(11) “O governo que bateu duro, falou manso sobre as denúncias.”

Nesses exemplos, tanto *falar manso* quanto *falar mansamente* podem significar uma fala com palavras cuidadas. Assim, há uma zona de intersecção entre as possíveis interpretações do adjetivo e do advérbio dentro do sintagma verbal. Todavia, *mansamente*, em (11), possui interpretações adicionais, como *falar com carinho*, *falar com nostalgia*, *falar devagar*. Tais interpretações são no mínimo forçadas no caso de *falar manso*, que remete, exclusivamente, a falar com cuidado no sentido de não agredir o outro e/ou se preservar. Assim, embora haja, sim, uma zona de intersecção quando adjetivos e advérbios modificam o sintagma verbal, a interpretação do adjetivo, por vezes, é bem mais restritiva do que a dos advérbios.

Como ficará claro a partir da seção abaixo, isso se deve ao fato de que adjetivos como *claro*, em (1), e *manso* em (11), modificam um elemento subatômico dentro do sintagma verbal, enquanto os advérbios e alguns adjetivos têm escopo maior dentro do sintagma verbal. Portanto, a hipótese de conversão não se aplica aos dados relevantes para a nossa proposta, já que neles adjetivos e advérbios não têm equivalência semântica total.

⁷ Disponível em:

<https://www.churchofjesuschrist.org/study/general-conference/2003/04/there-is-hope-smiling-brightly-before-us?lang=por>. Acesso em: 25/10/2021.

1.2 Apresentação das propostas de Lobato (2008) e Leung (2007)

Nesta seção, apresentamos os principais componentes das propostas de Lobato (2008) e Leung (2007), uma vez que elas apresentam ingredientes que serão utilizados na seção 2.

Lobato (2008) inicia seu texto argumentando contra a equivalência da maioria dos adjetivos e dos advérbios, com argumentos análogos aos que usamos na seção anterior. A autora divide os casos de modificação adjetival em três, a saber: a) modificação de um elemento nominal implícito na estrutura léxico-conceptual do verbo; b) modificação de um objeto cognato implícito; c) modificação do evento verbal.

Podemos exemplificar o primeiro subtipo, modificação de um elemento nominal implícito na estrutura conceptual do verbo, com a sentença em (12), abaixo, retirada de Lobato (2008). Nesse exemplo, *alto* modifica um elemento nominal VOZ, para Lobato, que faz parte da estrutura conceptual do verbo.

(12) Ela fala alto. (LOBATO, 2008, p. 226)

As sentenças em (13) exemplificam o segundo subtipo de modificação: o adjetivo modifica um objeto cognato implícito do verbo, que seriam *sorriso*, *sono* e *cheiro*, explicitamente.

(13) Elas sorriram amarelo / dormem pesado / cheiram gostoso. (LOBATO, 2008, p. 226)

Finalmente, nos exemplos abaixo, o adjetivo modifica o ato verbal em si. Somente nessa categoria, das três arroladas, o adjetivo estaria modificando o verbo ou sintagma verbal de uma forma semelhante a um advérbio. Assim, em (a), o ato de comer é escondido. Em (b), o ato de encontrar é escondido.

-
- (14) a) Ela come escondido. (LOBATO, 2008, p. 227)
b) Ela encontrou Maria escondido. (LOBATO, 2008, p. 227)

Com essas três subclasses, a autora propõe uma tipologia para os adjetivos dentro do sintagma verbal. O que essa tipologia revela é que o adjetivo, no sintagma verbal, parece ter uma versatilidade muito maior do que advérbios, por exemplo, podendo modificar partes de palavras (as chamadas constantes) e camadas sintagmáticas.

O estudo de Leung (2007) está, em parte, em concordância com Lobato (2008)⁸ por considerar as formas sem *-mente* como verdadeiros adjetivos em uso adjetival. Todavia, enquanto Lobato analisa a maioria dos casos de adjetivos dentro do sintagma verbal como modificadores implícitos de um elemento nominal presente na entrada conceptual do verbo, Leung analisa vários dos casos como modificação de um objeto cognato implícito de alguns verbos. Nessa abordagem, os verbos seriam preponderantemente da classe de inergativos que possuem uma semântica de produção, isto é, verbos cujo evento gera um produto.

Leung (2007) observa que um dos fatores principais para que o adjetivo seja licenciado como modificador do sintagma verbal é um ingrediente semântico do verbo. Considere o exemplo (15) abaixo:

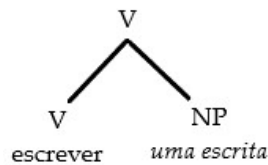
- (15) A Maria escreve trêmulo. (LEUNG, 2007, p. 36)

Na abordagem de Leung (2007), o verbo *escrever* é formado a partir de uma operação de conflation tal como discutido em Hale e Keyser (1993). No exemplo em (15), essa operação se caracteriza brevemente por um SN eventivo (*a escrita*,

⁸ Embora publicado posteriormente, o estudo de Lobato se desenvolveu antes do de Leung e o inspirou, por isso apresentamos primeiramente Lobato (2008) nesta seção e Leung (2007) posteriormente.

no caso) que se move para o núcleo verbal. Cabe salientar que a operação de conflation acontece no léxico da língua. Ao se mover para esse núcleo, tal SN ganha propriedades verbais resultando no verbo *escrever*. Nessa abordagem, o adjetivo não tem relação com o nome que ele pretensamente modifica durante a derivação sintática. Caso o verbo e seu objeto cognato sejam realizados, temos uma estrutura como a que se vê em (16).

(16)



Assim, embora esse objeto cognato não seja realizado em (15), ele está presente em um dos estágios iniciais de formação verbal, o que permite que o adjetivo o modifique. Nesse sentido, *escrever trêmulo*, em (15), seria originado a partir de *escrita trêmula*. Com o movimento de *escrita* para a posição verbal e sua consequente herança das características verbais, o adjetivo *trêmulo* acaba sendo interpretado como um adjunto do verbo, na proposta da autora.

De acordo com Leung, somente verbos inergativos e transitivos permitiriam uma modificação adjetival, por serem classes que licenciam objetos cognatos e que, portanto, podem ter verbos formados a partir de conflation do elemento nominal na posição de objeto que se move para V. Quando o verbo é formado dessa maneira, esses nomes não se materializam na sintaxe da sentença, portanto não há desencadeamento de concordância, o que explica a permanência dos adjetivos em sua forma neutra, como em *elas andam torto*. A autora termina associando a semântica eventiva do objeto cognato à do verbo, dada a relação direta entre eles.

Verbos transitivos e inergativos que não possuem objeto cognato implícito não têm semântica de produção e não podem ser usados com esses adjetivos,

porque formariam sentenças agramaticais, como em **Ela aceitou a proposta tímido*, em que o verbo *aceitar* não apresenta uma semântica de produção, o que é demonstrado pela agramaticalidade do sintagma **aceitar uma aceitação*.

1.3 Reflexão sobre as propostas

Como vimos acima, Lobato apresenta uma análise tripartite para os adjetivos dentro do sintagma verbal. A análise de Lobato é refinada no sentido de mostrar que adjetivos não se comportam da mesma forma que advérbios dentro do sintagma verbal, tendo escopos variados.

No entanto, Lobato (2008) não apresenta critérios necessários e suficientes para que possamos agrupar os adjetivos nessas três classes. Um exemplo disso é a íntima conexão que parece existir entre as duas primeiras classes de adjetivos citadas acima, uma que modifica uma constante na entrada léxico-conceitual do verbo e outra que modifica um objeto cognato implícito. Um objeto cognato é também um nome (*sorrir um sorriso*) e, assim, não é claro para nós por que não há uma análise unificada nesse caso. Concretamente, seria possível perguntar por que em *falar alto*, a modificação é da constante VOZ e não de um objeto cognato também. Da mesma forma, podemos nos perguntar por que não consideramos *sorriso* como uma informação conceptual do verbo tal como a autora considerou VOZ uma informação de *falar*.

Além disso, não fica claro por que algumas constantes podem ser modificadas, como a constante VOZ, em *falar* e *ler*, mas não a de outros verbos. Em suma, faltam critérios para os tipos de verbos e para que um tipo de modificação adjetival não possa ser confundida com a outra, caso se queira manter essa divisão tripartite.

A análise unificada de Leung (2007) é, de certa forma, uma resposta à sobregeração que a análise de Lobato pode causar. Leung (2007) analisa quase

todos os casos que apresenta como o adjetivo tendo escopo sobre um objeto cognato implícito de alguns verbos, conforme apresentado na seção anterior. Essa hipótese se torna mais restritiva, já que prevê que grande parte dos verbos transitivos não terão a modificação adjetival. Além disso, a autora captura características aspectuais (verbos de atividade) e de significado dos verbos (verbos com semântica de produção) na modificação adjetival que nos parecem essencialmente corretas como delimitadores semânticos da modificação adjetival que nos interessa aqui.

No entanto, a hipótese da autora acaba por ser restritiva demais. A autora assume que o objeto cognato implícito denota uma eventualidade que faz uma operação de conflation para formar o verbo. Todavia, basta observarmos sentenças com objetos cognatos realizados para notar que não é necessariamente verdade que essa classe de objeto denota uma eventualidade. Em muitos casos, a interpretação que se tem é de uma entidade. Considere, por exemplo, os dados em (17) e (18), abaixo, em que entendemos *mordida* como equivalente a uma marca no braço e *risada* como uma manifestação característica da face.

(17) O João mordeu uma mordida no meu braço.

(18) O João riu uma risada maliciosa. (LEUNG, 2007, p. 68)

Se os objetos cognatos *uma mordida* e *uma risada* fossem eventos, teríamos dois eventos de morder na sentença em (17) e dois de rir em (18), incompatível com a interpretação que se tem. A autora não nota que muitos dos objetos cognatos que usa como paráfrase são potencialmente ambíguos e que seria necessário, portanto, descartar a leitura de entidade do objeto cognato.

Essa mudança de olhar nos dados equivaleria a dizer que o adjetivo modifica uma entidade e não um evento nos dados analisados por Leung (2007). Dois conjuntos adicionais de dados reforçam essa hipótese. O dado em (19a), por exemplo, tem a modificação pelo adjetivo *esquisito* e é analisado da mesma forma

que dados como *morder* e *rir* por Leung (2007). Em uma versão dessa sentença em que o objeto é realizado, como se vê em (19b), fica claro que o objeto é uma entidade e não um evento.

- (19) a. A Maria comeu esquisito. (LEUNG, 2007, p. 49)
b. A Maria comeu comida esquisito.

Nesse caso, fica claro também que *comer esquisito* é um exemplo da terceira classe de Lobato (2008), em que o adjetivo modifica o ato verbal. Veja que não se pode interpretar que a comida é esquisita, mas o modo de comer de Maria que é esquisito. Talvez ela coma com a boca aberta, talvez ela coma de ponta-cabeça. Esse é um dos casos a que aludimos na Introdução em que o adjetivo se comporta tal como um advérbio e que contrasta, portanto, com o foco primário deste texto.⁹

Um segundo conjunto de dados está em (20) e (21), abaixo, em que há modificação com adjetivos de cor. Esses dados também deixam claro que, nos casos relevantes, há modificação de entidade pelos adjetivos. Em primeiro lugar, é impossível que esses adjetivos modifiquem eventos, já que eventos não têm cor, como a agramaticalidade de **nadar verde* e **correr amarelo* mostram. Além disso, esses verbos não têm objetos cognatos: **urinou uma urinada*, **cagou uma cagada*.

- (20) “Enquanto esperava o resultado, foi ao banheiro e urinou preto”¹⁰
(21) Passou tão mal que cagou verde.

Em suma, há uma confusão entre a interpretação de evento do verbo na proposta de Leung com a de um pretense objeto cognato. Especialmente os dados em (20) e (21) apontam para uma modificação de entidade do adjetivo. A questão é que entidade é essa, já que ela não estaria manifesta na sentença. Na próxima

⁹ Para um contraste entre a modificação de raiz e a modificação de elementos já categorizados (como verbos, no caso), veja a discussão na seção 3.

¹⁰ https://twitter.com/gabe_carneiro/status/1289615500306128897, último acesso: 26/10/2021.

seção, apoiamo-nos na proposta de Levinson (2010), desenvolvida dentro da Morfologia Distribuída (MD) e assumimos que esses casos são modificações dos adjetivos a raízes que possuem semântica de entidade.

2 A IMPORTÂNCIA DO TIPO DE RAIZ NA MODIFICAÇÃO ADJETIVAL DENTRO DO SINTAGMA VERBAL: A PROPOSTA DE LEVINSON (2010)

2.1 A noção de raiz

Nesta seção, discorreremos brevemente sobre a noção de raiz. Seguimos, aqui, os pressupostos da MD, um modelo gerativo de gramática que assume que palavras e sentenças são formadas na sintaxe. Sendo formadas da mesma forma que as sentenças, as palavras não vêm prontas de um léxico, mas são fruto da combinação de um elemento mínimo com núcleos funcionais. A esse elemento mínimo, damos o nome de raiz. Em uma de suas definições mais neutras, a raiz corresponde a um elemento primitivo não categorizado (não pertencente a uma classe de palavras) e é representado com o símbolo matemático $\sqrt{\quad}$.

As raízes fazem parte do inventário de classes abertas da língua. Isto é, sempre podem aparecer raízes novas na língua. A título de exemplificação, um verbo como *jogar* é formado por uma raiz representada por $\sqrt{\text{jog}}$ e um categorizador verbal, tal como exemplificado em (22):

$$(22) \quad \begin{array}{l} v \\ 3 \\ v \quad \sqrt{\text{jog}} \end{array}$$

Essa assunção de que palavras são formadas sintaticamente, além de explicar características 'sintáticas' em palavras (cf. HALLE; MARANTZ, 1993), permite-nos visualizar relações entre palavras aparentadas, como: *jogar*, *jogo*,

jogatina, jogação, jogador, etc. Nesse grupo de palavras, todas são formadas a partir da mesma raiz e partilham, assim, algumas características elementares, como seu significado lexical. Dessa forma, concordamos com Embick (2015) que as raízes possuem um significado conceitual próprio, diferente do significado de elementos funcionais. Isto é, todas as palavras relacionadas com a raiz $\sqrt{\text{jog}}$ têm algum significado relacionado a jogos (reais ou metafóricos ou simbólicos). Esse significado altamente particularizado da raiz difere do significado dos núcleos funcionais, que são mais genéricos e, portanto, compatíveis com uma grande quantidade de raízes, como causa, tempo, beneficiário, agente, etc.

A posição sobre a constituição da raiz apresentada acima não é a única na literatura. Há autores que assumem que raízes não possuem nenhuma especificação semântica (PANAGIOTIDIS, 2020, entre outros), outros que assumem que sua especificação é feita por índices numéricos (HARLEY, 2014). A modificação adjetival dentro do sintagma verbal contribui para esse debate da literatura já que, como veremos a partir da abordagem de Levinson (2010), essa modificação só é possível com raízes que possuam um componente semântico de entidade. Embora o objetivo desse artigo não seja discutir a fundo as várias implementações da noção de raiz dentro da MD, indiretamente acabamos nos alinhando aos autores que assumem um conteúdo semântico nas raízes.

2.2 A proposta de Levinson (2010)

Levinson (2010) assume que, nas sentenças relevantes, o adjetivo modifica a raiz antes que ela seja juntada a um categorizador verbal.¹¹ Essa hipótese pode

¹¹ Uma proposta anterior de Levinson é brevemente mencionada no trabalho de Leung (2007). Leung assume que tal proposta daria conta de um outro subtipo de dados, dadas as diferenças aspectuais entre os dados que ela analisa e dados que seriam correspondentes aos de Levinson. No entanto, como assumimos que o ingrediente básico para a modificação adjetival seja o tipo de raiz, não fazemos essa separação aspectual entre os dados e argumentamos, assim, que a proposta

ser exemplificada por meio de eliminação das possibilidades, algumas das quais já foram discutidas na Introdução.¹² Considere para exemplificação a sentença em (23):

(23) A Maria trançou o cabelo apertado.

(tradução de LEVINSON, 2010, p. 135)

O adjetivo em (23) não é necessariamente parte de um objeto depictivo, já que o cabelo pode não estar apertado e sim a trança. Dito de outra forma, não há uma relação de acarretamento entre *Maria trançou o cabelo apertado* e *o cabelo se tornou apertado* na interpretação relevante. Essa falta de acarretamento pode ser fartamente exemplificada com outras sentenças em que o adjetivo está dentro do sintagma verbal, como se vê a seguir. Todos os exemplos em (24) são traduções ou adaptações de Levinson (2010, p. 138):

(24) A. Maria amarrou apertado o cadarço. \neq O cadarço ficou apertado.

B. Maria empilhou alto as almofadas. \neq A almofada ficou alta.

C. Maria picou fininho o salsão. \neq O salsão ficou fino.

A exemplo do que vimos na sentença em (23), o acarretamento não ocorre na leitura relevante das sentenças em (24), mostrando que esses adjetivos não modificam o objeto. Podemos usar essas sentenças como exemplificação para mostrar o que o adjetivo está realmente modificando: uma entidade referencial não manifesta na sentença. No caso em (23), a entidade não manifesta é a trança, que é produzida à medida que o evento se desenrola. Na sentença (24a), uma

de Levinson dá conta de todos os grupos aspectuais de verbos que licenciam a interpretação de que o adjetivo modifica uma entidade aparentemente não manifesta na sentença.

¹² Não discutimos aqui sentenças resultativas como *The metal was hammered flat* e sua diferença para essas sentenças, já que o PB não possui sentenças resultativas ou pelo menos não as possui com as mesmas características de sentenças resultativas do inglês. Prova disso é a estranheza da tradução de *The metal was hammered flat* por *O metal foi martelado chato/plano*.

‘amarração’ do cadarço é produzida à medida que o evento se desenrola. Na sentença (24b), uma pilha é produzida e na (24c), a ‘picação’. O importante a se perceber é que essas entidades não se materializam na sentença ainda que sejam interpretadas.

Seria possível argumentar que, de um ponto de vista de formação de verbos, *trançar* em (23) vem de *trança* e *empilhar* em (24b) vem *pilha*. Isto é, antes da formação desses verbos, eles teriam estágios nominais em que o adjetivo poderia modificar a raiz. Essa hipótese seria uma variação da análise de Leung (2007), discutida na seção acima. Embora essa seja uma hipótese válida, ficariam sem explicação os dados em (24a) e (24c), já que *amarrar* não possui um nome referencial que poderia ser tomado como primitivo em relação ao verbo. O mesmo vale para *picar*. Isso fica claro nas nossas paráfrases no parágrafo anterior em que nos referimos às entidades resultantes dos atos de amarrar e de picar como uma *amarração* e uma *picação*. Como se sabe, nominalizações terminadas em *-ção* são derivadas de verbos, elas não poderiam estar presentes antes da formação dos verbos na derivação sintática. Então, fazemos uso delas para nos referir à entidade referencial resultante desses atos na falta de um nome melhor.

Em suma, a discussão sobre os dados em (23) e (24) ilustra os seguintes pontos:

- a) o subtipo de modificação adjetival descrito incide em uma entidade não manifesta na sentença;
- b) Essa modificação adjetival é possível com verbos que possuem nomes referenciais correspondentes, como *trançar* (*trança*) e *empilhar* (*pilha*), quanto com verbos que não possuem, como *amarrar* e *picar*.
- c) É relevante que alguma entidade seja produzida à medida que a ação se desenrola, mesmo que não haja um nome cunhado para a entidade produzida. É esse ingrediente que permite a modificação adjetival da raiz.

Chegamos, então, ao ponto relevante da proposta de Levinson (2010), que é a assunção de que os adjetivos estão modificando raízes nesses exemplos. Como a autora argumenta, só se pode dar conta desses dados se assumimos que algumas raízes possuem semântica de entidade. Levando em conta a reflexão acima, ter semântica de entidade não equivale a ter um nome aparentado: existir ou não uma palavra que nomeia a entidade gerada pelo verbo (no caso) é uma característica idiossincrática da língua.

As raízes relevantes, em que a modificação por adjetivo pode ser feita, são do tipo semântico <e, t>, como esclarece Levinson (2010), o que é uma formalização do seu significado de entidade. Esse ingrediente semântico pode se manifestar, então, direta ou indiretamente, dependendo de como a raiz é categorizada. Quando a raiz √tranç é categorizada como um nome, a semântica de entidade dessa raiz fica evidente. Quando essa mesma raiz é categorizada como um verbo, a semântica de entidade só fica disponível como uma implicação verbal: quando trançamos o cabelo, há uma implicatura de que fazemos uma trança. No entanto, esse ingrediente da raiz pode ser acessado antes de sua categorização, já que há a possibilidade de adjetivos se combinarem à raiz, antes que ela seja categorizada como um verbo.

A delimitação da classe de verbos como aquela que produz uma entidade também esclarece por que algumas modificações adjetivais dentro do sintagma verbal são impossíveis. Considere, por exemplo, os dados de (25) a (27), retirados de Leung (2007), e (28), um dado nosso.

- (25) A Maria aceitou a proposta *pronto/ *gentil. (LEUNG, 2007, p. 43)
- (26) A Maria afastou a cadeira *delicado/ *brusco/ *calmo. (LEUNG, 2007, p. 44)
- (27) *A Maria comeu os chocolates lento. (LEUNG, 2007, p. 34)
- (28) *A Maria encaixotou os livros lento.

Nos exemplos acima, a modificação com um adjetivo é impossível. Uma das explicações para essa agramaticalidade é o fato de que não há, na raiz desses verbos, um elemento referencial que permita essa modificação. Os verbos *aceitar*, *afastar*, *comer* e *encaixotar* não geram nenhuma entidade, o que é indicativo de que suas raízes não possuem tal ingrediente semântico. Todas as entidades que podem ser objetos desses verbos já existem previamente e não são formadas à medida que o evento se desenrola, como *aceitar um contrato*, *afastar uma cadeira*, *comer uma pizza*, *encaixotar um livro* mostram. Nesse ponto, esses dados contrastam com *empilhar*, *amarrar*, *trançar* e *picar*, examinados acima, que geram entidades à medida que a ação se desenrola. Consequentemente, adjetivos não podem modificar a raiz nesses casos, explicando a agramaticalidade das sentenças de (25) a (28).

Vemos, então, que a proposta de Levinson permite um entendimento claro da modificação de adjetivos que pesquisamos nesse artigo e que reflete, em parte, intuições dos trabalhos de Lobato (2008) e de Leung (2007). No entanto, diferentemente desses trabalhos, assumimos, com Levinson (2010), que o elemento modificado está, sim, manifesto na sintaxe. No entanto, como é um dos primitivos da derivação sintática, a relação entre o adjetivo e a raiz não é facilmente detectável.

3 CARACTERÍSTICAS DA MODIFICAÇÃO ADJETIVAL DA RAIZ

Dadas as propriedades de modificação de raiz discutidas acima, apresentamos, nesta seção, algumas características da modificação de raiz que a distingue da modificação de elementos categorizados a fim de contribuir com a descrição desse fenômeno.¹³

¹³ Um parecerista anônimo nos pergunta se não é contraintuitivo assumir que a raiz, um objeto ainda não categorizado, seja modificado. A pergunta é pertinente e, para ser adequadamente respondida, demandaria uma discussão sobre o papel das categorias no andamento da derivação

Na seção 1.1., afirmamos que algumas modificações de adjetivo de fato possuem um escopo semelhante ao de advérbios, mas nosso interesse, neste artigo, é individualizar aqueles adjetivos que modificam a raiz. Nesta seção, oferecemos algumas observações preliminares que permitem distinguir os dois tipos, modificações de raízes e modificações de elementos categorizados, além das tendências estruturais que apresentamos acima (verbos de atividade que criam entidades à medida que a ação se desenrola). A primeira observação é a exploração do significado literal da raiz e a segunda é a restrição de leituras possíveis.

Primeiramente, o significado evocado quando há modificação de raiz é invariavelmente o significado literal da raiz. Contraponha, por exemplo, a boa formação de (29), (31) e (33) com a má-formação de (30), (32) e (34).¹⁴

- (29) O João desenhou torto o castelo.
- (30) #O João desenhou torto o plano na cabeça dele.
- (31) O João escreveu certo o número da casa.
- (32) #O João escreveu certo o destino dos filhos.
- (33) O João chutou forte a bola.
- (34) #O João chutou forte a namorada, não quer mais vê-la.

Enquanto, em (29), o verbo *desenhar* é usado em sua acepção literal, em (30), ele é usado em uma acepção 'metafórica', por assim dizer, em que *desenhar* equivale a *planejar*. O mesmo acontece no par (31) e (32): em (31), João

sintática. Com implementações de rótulos vindo de traços dos núcleos lexicais, não acreditamos que o fato de a raiz não ter categoria seja um impeditivo para que ela participe da derivação sintática, já que categorias não existem mais a priori. No entanto, seria necessário estabelecer quais são as condições em que um elemento acategorial pode fazer merge. Pretendemos explorar essa questão em trabalhos futuros.

¹⁴ Parece haver divergência de julgamentos em alguns desses casos, especialmente em relação ao dado em (31), que são bons para um parecerista e para Jairo Nunes (c.p). Uma discussão mais fina sobre possíveis diferenças de gramaticalidade em casos como (31) fica para trabalhos futuros.

efetivamente escreve algo, enquanto (32) tem um sentido mais próximo de *planejar* ou *determinar*. Em (33), temos, novamente, a acepção literal de *chutar*, licenciando a modificação adjetival, já que chutes são formados à medida que a ação de chutar se desenrola. Na sentença em (34), por outro lado, a acepção de *chutar* usada é a de *dispensar*, o que impede a modificação adjetival, já que não há nenhuma entidade na raiz desses verbos.

Devido às diferenças em relação à aceitabilidade da modificação por adjetivos, podemos dizer que os verbos *desenhar* em (29) e (30), *escrever*, em (31) e (32), e *chutar* em (33) e (34) não são os mesmos, no sentido de que suas raízes não contêm os mesmos primitivos, apesar de possuírem a mesma fonologia.

Se compararmos esse conjunto de dados com modificação de elementos já categorizados por adjetivos e advérbios, vamos notar que essas modificações não têm tal restrição. Em (35) e (36), por exemplo, usamos os adjetivos *bonito* e *legal* que, no contexto, significam *com grande intensidade*. Como se pode ver nos dados abaixo, não há nenhuma restrição para que eles apareçam com acepções metafóricas do verbo *chutar*. O mesmo se verifica em (37), em que o adjetivo *rápido* e seu correspondente adverbial *rapidamente* são usados.

(35) Ele chutou bonito a namorada, não quer mais vê-la.

(36) Ele chutou legal a namorada, não quer mais vê-la.

(37) Ele chutou rápido/rapidamente a namorada assim que arrumou outra.

A modificação de raiz, então, é bastante dependente da leitura de entidade. Em acepções metafóricas, essa semântica de entidade não está presente. Enquanto *chutar* em (33) produz um *chute*, *chutar* em (34) não, porque equivale a *dispensar*. Adjetivos e advérbios que modificam elementos já categorizados são cegos a essas particularidades das raízes e podem, portanto, modificar esses elementos com acepções metafóricas, como vimos de (35) a (37).

Em segundo lugar, notamos que a modificação adjetival da raiz é mais restrita nas potencialidades de leitura, contrastando novamente com modificações, por adjetivos e advérbios, de elementos já categorizados. Nos dados em (38) e (39), as interpretações são de que o volume da voz e a altura do voo são altos, invariavelmente.

(38) O João fala alto.

(39) O pássaro voa alto.

Quando a modificação é do verbo – ou seja, de um raiz já categorizada por um *v -*, a gama de interpretações é muito maior. Considere o dado em (40), por exemplo.

(40) Os jovens se encontraram escondido.

A partir de (40), podemos ter a interpretação de que o encontro foi em um local escondido. Também há a interpretação de que o encontro foi escondido de alguém (dos pais, por exemplo), mas aconteceu em praça pública. Crucialmente, por se tratar de uma modificação de evento, a modificação não é tão dependente do significado das raízes, podendo ter uma gama maior de interpretações possíveis do que vimos nos dados (38) e (39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, examinamos casos de modificação adjetival dentro do sintagma verbal, detendo-nos, especificamente, em um subcaso: a modificação adjetival da raiz, seguindo Levinson (2010). Antes que a abordagem de Levinson fosse esmiuçada, a seção 1 apresentou uma revisão de literatura em que hipóteses sobre o fenômeno foram investigadas. A seção 1.1 apresentou, brevemente, a

hipótese de conversão de adjetivo para advérbio e mostrou que essa hipótese não se sustenta para os dados em foco. A seção 1.2 apresentou os trabalhos de Lobato (2008) e Leung (2007) sobre o fenômeno. Ambos os trabalhos assumem que os adjetivos, nas sentenças relevantes, modificam algum elemento que não está presente na derivação sintática, ainda que presente na representação do verbo. A seção 1.3 discute os trabalhos das autoras, realçando alguns dos componentes de suas análises que figuram também na análise de Levinson (2010), apresentada na seção 2. Na seção 2, apresentamos a análise de Levinson, exemplificando-a com alguns dados relevantes. Finalmente, na seção 3, fazemos algumas observações sobre características da modificação adjetival da raiz que contrastam com a modificação adjetival e adverbial de verbos.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do português falado*. vol. II: níveis de análise lingüística. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992, p. 75-90.
- Chomsky, Noam. Derivation by phase. In: KENTOWICZ, Michael. (org.). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001, p.1-52.
- EMBICK, David. *The morpheme*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015.
- FOLTRAN, Maria José. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 81, p. 157-176, mai/ago. 2010. Disponível em: [<https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/17285/16102>]. Último acesso: 14/03/2022
- FOLTRAN, Maria José. Distribuição dos advérbios predicativos e adjetivos quando usados como predicados adjuntos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 72, p. 233-249, 2007. Disponível em: [<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/7551/10511>]. Último acesso: 14/03/2022
- HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel. (orgs.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 53–109.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel. *The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical linguistics*, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.

LEUNG, Renata. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*, 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Semiótica Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEVINSON, Lisa. Arguments for pseudo-resultative predicates. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 28, n. 1, p. 135-182, 2010.

LIMA, Rafael. *Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro*, 2010. 143 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

LOBATO, Lúcia. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Claudia. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 219-241.

PANAGIOTIDIS, Phoivos. On the nature of roots: Content, form, identification. *Evolutionary Linguistics Theory*, v. 2, n. 1, p. 56-83, 2020.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de outubro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 03 de março de 2022.